



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

20 DE AGOSTO
SALA MARTINS PENA
— TEATRO NACIONAL
BRÁSILIA-DF

PRONUNCIAMENTO DO PRESIDENTE
JOSÉ SARNEY, POR OCASIÃO DA INS-
TALAÇÃO DA II CONFERÊNCIA DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA AMÉRI-
CA LATINA — CASTALAC

É com grande alegria que abro a Segunda Reunião de Ministros de Ciência e Tecnologia dos países da América Latina e do Caribe. Ao dar as boas-vindas a todos os participantes desta Conferência, peço-lhes serem os portadores da mensagem de amizade e confiança que dirijo a todos os povos do Continente, aqui tão dignamente representados. Saúdo igualmente, na pessoa do seu diretor-geral, a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura, cujo espírito de cooperação e decidido empenho na causa do progresso e da paz presidem a este encontro.

A realização desta reunião em Brasília, reveste-se, para nós, de profundo significado. Produto de um grande esforço nacional, Brasília representa para os brasileiros a firme determinação de construir o futuro a partir de soluções próprias, que combinam a criatividade com

o imperativo de dar um curso pessoal ao desenvolvimento do País. Ao receber, sob a égide da UNESCO, os representantes das áreas de Ciência e Tecnologia de nossos países, Brasília associa-se a um expressivo projeto de aperfeiçoamento das nossas sociedades por meio da cooperação fraterna do intercâmbio franco e sincero de experiências e pontos-de-vista.

Senhores Ministros,

A Conferência que aqui se abre retoma uma iniciativa que teve origem vinte anos atrás, quando se realizou a primeira CASTALAC. Desde então, o Mundo em geral, e o Continente em particular, passaram por profundas transformações políticas e econômicas. Essas transformações encontram uma de suas maiores expressões na aceleração do desenvolvimento da Ciência e da Tecnologia, que abriram novos campos de atuação e passaram a afetar, como nunca antes na História, a vida de todos os habitantes do Planeta.

Não resta dúvida de que a Ciência e a Tecnologia são hoje temas centrais das relações intercontinentais. Demonstram-no a grande ênfase que projetos de desenvolvimento científico e tecnológico adquiriram até mesmo nas nações tradicionalmente mais adiantadas. Comprovam-no entre muitos outros fatos, as prioridades atribuídas pela nova liderança soviética ao desenvolvimento de tecnologias de ponta aplicadas a todos os setores da vida econômica; a ênfase do Governo norte-americano em novos programas tecnológicos; o empenho e a determinação com que os países da Europa pro-

curam, por meio do Projeto EURECA, encetar um grande esforço coletivo e aberto para acompanhar o impulso da Tecnologia nas superpotências.

Os temas científicos e tecnológicos passaram a ocupar espaços cada vez maiores na agenda internacional. Do Diálogo Norte/Sul, em suas múltiplas modalidades, à Conferência das Nações Unidas sobre o Direito do Mar, o progresso na Ciência e na Tecnologia e as formas de operar a sua transferência para os países em desenvolvimento passaram ao primeiro plano nas preocupações de todos nós. Os organismos internacionais dedicam-se com empenho cada vez maior aos avanços que ocorrem nessa área da atividade humana, atendendo à codificação de regras que assegurem a utilização desse progresso em benefício de toda a Humanidade.

Assistimos, nos países desenvolvidos, a uma progressiva substituição das formas tradicionais de produção em favor de sistemas em que o progresso científico e tecnológico vem operando uma verdadeira transformação na economia de escala e na vocação do parque industrial, provocando uma nova distribuição internacional do trabalho. Não creio incorrer em exagero ao afirmar que assistimos hoje à Terceira Revolução Industrial, cujo impacto é global e afeta não apenas a economia de todos os países, provocando muitas vezes desequilíbrios, mas as próprias relações entre as nações e a vida particular dos cidadãos.

Senhores Ministros,

A América Latina e o Caribe não podem ficar à margem desse processo que veio para mudar o curso da

História. Profundamente marcados por sua herança histórica, nossos países não podem permitir que a revolução científica e tecnológica em curso contribua, pela sua marginalidade no processo, para retirar-lhes definitivamente toda participação no processo decisório mundial.

O desenvolvimento científico e tecnológico é, sem dúvida, produto de uma profunda herança histórica, econômica e cultural. Ele se nutre, entretanto, de grande dose de determinação e de empenho das sociedades que o produzem.

Não podemos esquecer a lição de grandes civilizações do passado. Muitas vezes responsáveis, em seu período de apogeu, por significativos avanços no conhecimento da Humanidade, seu imobilismo diante de momentos decisivos da Revolução Científica condenou-as ao obscuro papel de objetos da História, tornando-as dependentes e fracas.

Num momento em que as graves distorções do sistema econômico e político internacional ameaçam de forma nunca antes conhecida a estabilidade e o próprio futuro de nossos países, é chegada a hora de engrandecermos nossa determinação para preencher vazios que ainda nos tolhem a ação. Nosso Continente sempre necessitou de uma firme vontade política para suprir deficiências que a História lhe legou.

O desenvolvimento científico e tecnológico em nossa região é um campo desconhecido para nós. A rica diversidade da nossa paisagem geográfica foi desde o princípio da nossa colonização um fator de inventividade e adaptação do conhecimento, a desafiar as soluções

e os próprios conceitos tradicionais trazidos do Velho Mundo. Este Século assistiu em nossos países a um grande e efetivo esforço de modernização, por intermédio da industrialização e do planejamento.

Esse esforço gerou a um tempo um desenvolvimento na nossa ciência e na nossa tecnologia e ampliou nossas necessidades nesses campos. As grandes aspirações sociais de nossos povos geram, por seu lado, uma acentuada demanda de progresso na área científica e tecnológica, abarcando campos vastos como os da saúde, da educação, dos transportes, da habitação, da energia e tantos outros.

Estimulada internamente e pressionada externamente, a América Latina tem sabido compreender a importância de uma atuação decisiva na área científica e tecnológica. Esta reunião é, nesse sentido, uma clara demonstração da vontade política e da vocação de cooperação de nossos países também nessa área.

Não nos devem mover, contudo, qualquer veleidade de imitação ou qualquer disposição de competição estéril nesse campo. Nosso Continente tem desafios e interesses próprios, limitações e condicionantes que lhe são peculiares.

Nosso projeto de desenvolvimento científico e tecnológico deve, portanto, amparar-se em dois parâmetros fundamentais. O primeiro diz respeito à sua adequação às nossas condições ecológicas, à diversidade e ao desmesurado da nossa natureza tropical, matizada aqui e ali pelos descomunais altiplanos andinos e meso-americanos. O segundo relaciona-se com as nossas con-

dições econômicas e sociais, com a identidade mais profunda de nossos povos, com as dificuldades históricas a que se sobrepõem as agruras da crise presente.

Da consciente aplicação desses parâmetros deve resultar uma pesquisa científica e tecnológica profundamente vinculada à nossa realidade e traduzida em fórmulas próprias, adequadas aos nossos problemas e às nossas limitações. O que não fizermos por nós mesmos para atender nossos anseios, ninguém fará por nós.

Não nos interessam soluções que ignorem nossos problemas mais marcantes. Se temos uma carência histórica de recursos, agravada pela crise atual, por que preocupar-nos com projetos dispendiosos, de custos operacionais inadequados? Se ao nosso desemprego crônico, disfarçado pelo subemprego, somam-se as massas dos demitidos pela crise, por que privilegiarmos fórmulas que não utilizem de modo intensivo a mão-de-obra? Se nos faltam recursos, como admitir importar, ainda que parcialmente, tecnologias custosas, que acentuam nossa dependência e obstruem nosso desenvolvimento?

Não tem sido outra a minha preocupação ao atribuir prioridade, dentro de meu governo, ao projeto de irrigação de cerca de um milhão de hectares de terras áridas do Nordeste do Brasil. Esse projeto é função da capacidade tecnológica do País de encontrar fórmulas a um problema tipicamente brasileiro, que deve ser solucionado de forma eficaz, mas econômica. E deve beneficiar com trabalho direto e indireto grandes contingentes de homens e mulheres que querem construir suas vidas na terra que os viu nascer.

Senhores Ministros,

A América Latina e o Caribe têm sabido, nos inúmeros foros internacionais de que participam, coordenar suas ações no sentido de promover uma ordem internacional mais justa e equitativa, que proporcione o progresso de toda a Humanidade. Nossas vozes se levantam para propor fórmulas construtivas, assentadas na moderação do consenso e no pragmatismo de quem necessita de soluções urgentes para problemas graves e potencialmente perigosos, como a dívida externa, a paralisação do desenvolvimento e a ameaça do retrocesso político.

O progresso compartilhado da Ciência e da Tecnologia constitui sem dúvida um dos pilares dessa nova ordem que ainda está por ser construída. A América Latina e o Caribe têm um papel decisivo a desempenhar na nova etapa que se abre diante de nós para a discussão dessa proposta. Os avanços conceituais, obtidos na ação concertada de vários de nossos países e na discussão dos problemas relacionados com a dívida externa, são expressivos de uma nova disposição do Continente para tratar de assuntos que lhe tocam tão de perto.

Senhores Ministros,

A UNESCO mais uma vez traz à América Latina e ao Caribe a contribuição expressiva da sua ação que completa 40 anos em novembro próximo. O ideal de promover a paz e o progresso da Humanidade por meio da cooperação e do mútuo conhecimento entre os países da área da Educação, da Ciência e da Cultura, encontra em nossa região um terreno fértil e uma firme disposição de torná-lo realidade palpável.

Não nos imobilizemos. O que fizermos por nossa conta, no sentido de promover os interesses de nossos países, terá certamente um efeito benéfico sobre o esforço de cooperação e entendimento que está por trás de organismos como a UNESCO e as Nações Unidas. O pioneirismo da América Latina e do Caribe em muitas matérias do interesse da paz e do progresso da Humanidade deve presidir aos esforços de que esta Conferência é uma etapa decisiva.